

A GENEALOGIA DA MORAL DE NIETZSCHE: O ÁGON MORAL E O HIBRIDISMO DA NATUREZA HUMANA.

THALES VARGAS RODRIGUES¹; CLADEMIR LUIS ARALDI³

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – thales.rodrigues2@hotmail.com¹

³Universidade Federal de Pelotas – clademir.araldi@gmail.com³

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas, apresentando apenas o capítulo 1. O objetivo deste recorte é mostrar como, em Nietzsche, a tensão entre a moral do senhor e a moral do escravo revela um hibridismo da natureza humana.

Esse hibridismo se expressa na compreensão da memória não como processo passivo, mas como poder ativo, capaz de reter e ampliar experiências. Tanto a moral do senhor quanto a moral do escravo operam com esse mesmo mecanismo criador: imaginam e constroem mundos simbólicos. No entanto, a moral do senhor consegue transformar suas criações — imagens, narrativas e valores — em realidade histórica e institucional, enquanto a moral do escravo tende a permanecer no plano imaginário, o que leva Nietzsche a considerá-la decadente e negadora da vida.

A leitura aqui proposta interpreta o Ágon Homérico como uma primeira reavaliação da vida, realizada pela mediação da linguagem, da ilusão artística e da força. Nesse processo, a cultura homérica não apenas representa, mas institui modos de vida e um Estado nobre, unindo potência criadora e capacidade de efetivação. Ao mesmo tempo, mostra que toda cultura elevada já carrega em si a possibilidade de degenerar, quando a memória se hipertrofia e se aprisiona no ressentimento.

A fundamentação teórica parte de Genealogia da Moral (NIETZSCHE, 1887) e dialoga com obras como O Nascimento da Tragédia, O Anticristo, Crepúsculo dos Ídolos, A Gaia Ciência, Além de Bem e Mal, Humano, Demasiado Humano, Aurora, Ecce Homo e Assim Falou Zaratustra, além de comentadores como Christa Davis Acampora, Keith Ansell Pearson, Clademir Araldi e Scarlett Marton.

Objetivo geral: analisar a disputa agonística na moralidade nietzschiana, evidenciando o papel mais impotente da moral escrava na ética nietzschiana. Objetivos específicos: (a) compreender o processo agonístico nas duas morais; (b) examinar a Genealogia da Moral nessa perspectiva; (c) investigar como a moralidade escrava gera novas expressões culturais.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é bibliográfica, analisando obras de Nietzsche sob a perspectiva agonística e do hibridismo da natureza humana. A fonte principal é Genealogia da Moral, complementada por O Nascimento da Tragédia, O Anticristo, Crepúsculo dos Ídolos, A Gaia Ciência, Além de Bem e Mal, Humano, Demasiado Humano, Aurora, Ecce Homo e Assim Falou Zaratustra.

E a bibliografia secundária reúne autores que interpretam Nietzsche no viés agonístico, especialmente Acampora e Pearson, além de comentadores brasileiros como Marton e Araldi.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise inicial identifica no Ágon Homérico a base da nobreza cavaleiresco-aristocrática, marcada pelo equilíbrio momentâneo entre forças apolíneas e dionisíacas. Homero, como “homem raro”, realiza uma primeira reavaliação da vida ao transformar a existência em obra de arte social, invertendo o pessimismo do mito de Sileno e instituindo valores afirmativos por meio da mitopoese.

Essa criação não se limita a representar a realidade, mas a conforma: a linguagem, a ilusão artística e a força atuam de forma integrada para edificar o mundo homérico, a cultura grega e o Estado nobre. A memória, nesse contexto, desempenha papel ativo e seletivo, filtrando e reconfigurando experiências para sustentar a hierarquia social e o pathos da distância.

Tanto a moral do senhor quanto a do escravo se valem desse mesmo mecanismo criador — a capacidade de imaginar, organizar e transmitir valores em narrativas e símbolos. A diferença reside na potência de efetivar essas criações. A moral do senhor, amparada por força e posição política, transforma suas imagens e valores em instituições concretas. Já a moral do escravo, embora criativa, permanece majoritariamente no plano imaginário, o que Nietzsche interpreta como decadência e negação da vida.

O equilíbrio entre forças afirmativas e reativas, no entanto, é instável: quando a legitimidade da ordem é questionada ou a memória se hipertrofia, gerando ressentimento, o ágon é reativado. Esse dinamismo revela que o hibridismo da natureza humana é o motor das transformações morais e históricas, unindo criação e tensão em um mesmo processo.

4. CONCLUSÕES

A análise inicial identifica no Ágon Homérico a base da nobreza cavaleiresco-aristocrática, marcada pelo equilíbrio momentâneo entre forças apolíneas e dionisíacas. Homero, como “homem raro”, realiza uma primeira reavaliação da vida ao transformar a existência em obra de arte social, invertendo o pessimismo do mito de Sileno e instituindo valores afirmativos por meio da mitopoese.

A memória, nesse contexto, desempenha papel ativo e seletivo, filtrando e reconfigurando experiências para sustentar a hierarquia social e o pathos da distância.

Tanto a moral do senhor quanto a do escravo se valem desse mesmo mecanismo criador — a capacidade de imaginar, organizar e transmitir valores em narrativas e símbolos. A diferença reside na potência de efetivar dessas criações. O que torna a memória em um processo ativo e confrontante, pois, ao mesmo tempo, se por um lado, ela eterniza as experiências nos indivíduos, hipertrofiando as lembranças, por outro, a memória permite o esquecimento e a manutenção da saúde.

Sendo assim, a hipótese do hibridismo da natureza humana, que mostra que ambas as moralidades (senhor e escravo), não são excludentes dinamicamente,

mas pelo contrário, são complementares em seu objetivo final de conservar a vida e se apropriar dela, uma voltada para fora e outra para o interior do indivíduo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACAMPORA, C. D. **Contesting Nietzsche**. Chicago: University of Chicago Press, 2013.
- ARALDI, C. O simbolismo das criações apolíneas e dionisíacas: uma análise crítica da estética do jovem Nietzsche. *Reflexão*, Campinas, v. 1, p. 51–65, 2009.
- MARTON, S. **Nietzsche: a transvaloração dos valores**. São Paulo: Moderna, 1990.
- NIETZSCHE, F. *Aurora*. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, F. **Além de bem e mal**. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PEARSON, K. A. *How to Read Nietzsche*. London: Granta, 2005.